

descoordenadas



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-graduação em Artes Visuais
Departamento de Artes Visuais

Descoordenadas

Organização: Karina Dias, Aline Cibebe,
Elisa Freitas e Fernando Pericin

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais
Brasília-DF
2026



©2026 Karina Dias

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é de Karina Dias, Alessandra Araújo, Aline Cibebe, Bruca Teixeira, Camila Souza, Daniel Lopes, Danna Lua Irigaray, Diana Salu, Elisa Freitas, Fernando Pericin, Fran Favero, Gaia Schüller, Laís Menezes, Laura Tonini, Leonardo Goulart, Leticia Miranda, Lynn Carone, Marília Saenger, Newton Scheufler, Paula Catu, Raissa Studart, Raquel Nava, Tatiana Duarte e Thiago Brandão.

Coordenação

Karina Dias

Artistas

Alessandra Araújo

Aline Cibele

Bruca Teixeira

Camila Souza

Daniel Lopes

Danna Lua Irigaray

Diana Salu

Elisa Freitas

Fernando Pericin

Fran Favero

Gaia Schüler

Lais Menezes

Laura Tonini

Leonardo Goulart

Letícia Miranda

Lynn Carone

Marília Saenger

Newton Scheufler

Paula Catu

Raissa Studart

Raquel Nava

Tatiana Duarte

Thiago Brandão

O evento Descoordenadas¹ é uma ação coletiva desenvolvida por 22 artistas pesquisadores (mestrands e doutorands) do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília que cursaram a disciplina Métodos de Deriva e outros deslocamentos da Linha de Pesquisa Deslocamentos e Espacialidades ministrada por mim. Essa edição comemora os dez anos da criação do evento. Descoordenadas é composta de intervenções artísticas pela cidade de Brasília e entorno. Os trabalhos expostos reverberam as questões trabalhadas em sala de aula durante o semestre, entre elas: E se o futuro fosse geopoético?

Estar do lado de fora. Pensar a céu aberto e em deslocamento. Estar sob um céu, desfrutar, como escreve Thoreau, a amizade das estações. Ao ar livre estamos com a Terra, habitamos a paisagem. Estamos no coração do presente. Ativar então correntezas, reencontrar os ventos, as imagens que fazem tremer o universo, ouvir vulcões, estar com as geleiras, escutar o grito que vem de longe. Nesse movimento, a cidade habitada é um vasto mundo! E as intervenções são como faróis que sinalizam que aqui estamos, juntos e em movimento.

Profa. Karina Dias
Brasília, inverno de 2025

¹ Esta é a oitava edição do evento Coordenadas que completou dez anos de existência em 2025. Evento criado pela Profa. Dra. Karina Dias no âmbito de suas disciplinas ministradas no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília. Ao longo desses anos, realizamos o Coordenadas Vagabundas em 2015, o Coordenadas Orbitadas em 2017, o Coordenadas Cosmográficas em 2018, o Coordenadas Cadentes em 2019, o Coordenadas Confinadas em 2020, o Coordenadas Sobreviventes em 2022 e o Coordenadas de Guardanapo em 2024. O Descoordenadas ocorreu entre junho e julho de 2025.

quando a gente sabe que a noite caiu? – nos encontramos na hora azul, essa espécie de adiamento da queda, essa vertigem atmosférica, essa margem. Avistar ao longe, acenar, indicar caminhos, dizer ao mar terra à vista. Na subida ao farol o som se prolonga, se repete, dá voltas. Procurar o lago, ouvir os ruídos, encontrar com os ventos de lá e de cá. O mundo na palma na mão e no bolso da calça jeans. O mundo cabe em um canteiro. Há sempre um lugar outro, uma heterotopia a se inventar. Da terra escavamos rastros de uma barbatana. O que nos diriam as plantas enquanto os carros giram ao seu redor?

Aqui, os detritos que a maré baixa revelou. 20° leste. 30° sul. Oeste sem norte. Um ponto perdido no oceano ou uma gota de água doce no mar azedo. O quanto é preciso emergir para se chegar ao corpo? A caminhada que fazemos aqui é equilíbrio entre pés molhados de chão e suor esquecido da terra. Caminhamos para lembrar do tempo.

lentamente
caminha a sede do infinito
errar o desejo
fechar a porta
e sair à linha do horizonte

(...)

(...)

para recuperar o território:

crateras

para não dormir:

ideias

para refundar:

retirar

do país, asfalto

da escritura, fragmentos

dos fragmentos, retorno

do retorno, interesse

os interesses se bailam na tradição

o horizonte é o chão

O cotidiano faz ver uma árvore que dança

o que foi queimado

resiste apesar de

É preciso caminhar

em direção

as bordas do tempo

O que aconteceu com aqueles levados pelos mares?

E sob o céu, com o rosto coberto de estrelas ou de sol, o que se vê?

– e de repente Brasília se move no mapa, onde as coordenadas se embaralham. Seguimos à deriva: de Gizé ao cerrado, de Olodum ao Eixo Monumental. Marcamos presença, não posse. Ao invés de fronteiras, passagens. E despertar ou tras rotas – como se cada gesto rachasse o ovo cósmico do presente. O conceito de distância se dissipa, a brincadeira já começa com o sopro dos ventos noturnos, muito antes de tudo isso - éramos uma coisa só, dançando no cosmo.

De/compositores de matéria orgânica, fungos, bactérias, microrganismos

Transformar resíduos em nutrientes que retornam e se recombina

Quebra de sistemas complexos

Decompor, desfazer, desaprender

Com por, junto,

pensar fazer novas possibilidades sensíveis

Acabar não é terminar.



Estas cores são caminhanças¹

Aprendi que “crepúsculo náutico” é uma expressão que nomeia o momento em que o céu perde boa parte da claridade mas mantém, ainda, luminosidade suficiente para que se perceba o horizonte. O termo – crepúsculo náutico – refere-se mais precisamente à capacidade de fazer leituras confiáveis das estrelas. Para os marinheiros, isso significa que as estrelas mais brilhantes tornam-se visíveis ao mesmo tempo em que é possível, ainda, reconhecer o horizonte junto ao mar. E isso é uma leitura confiável.

Desconfio que uma leitura confiável é uma leitura em movimento. É preciso confiar no brilho que viaja em anos-luz, na visibilidade do horizonte que se deve à rotação da terra, no movimento inerente da água, na língua que nomeia as estrelas, no olho que vê que não vê e em uma linha depois da outra nessa mesma página. Foi na página 123 da edição de Escrito nas margens - Livro de horas VIII de Maria Gabriela Llansol, que li:

Onde está Copérnico? Ficou para trás? Embarcou nos navios, o amigo que resolvia os problemas dos astros? A escritora escreve, a matemática precisa, estas cores são o íntimo da terra atravessado [...] estas cores são caminhanças e perguntem-me: Úrsula, o que fazes aqui, parada, sem Psalmódia?²

¹ LLANSOL, Maria Gabriela. Escrito nas margens, Livro de horas VII. Porto: Assírio & Alvim, 2022.

² Idem.

Uma figura humana, diminuta, está no canto inferior direito da pintura Cidade sob o mar (cerca de 1319). A personagem está do lado de fora dos muros que cercam a cidade, aparenta estar sentada na margem e, talvez, seus pés toquem a água³. Do ponto de vista de uma embarcação, essa personagem bem que poderia estar no horizonte visível de um crepúsculo náutico, parte de uma leitura confiável: a equação entre o horizonte difusamente visível e o brilho emitido por certas estrelas. O que vê o horizonte?

Estamos na margem do lago Paranoá, em Brasília. É dia 10 de junho, são 17h47, horário em que, segundo o site *sunrise-and-sunset.com*, vai começar o pôr do sol. Estamos em um píer de madeira, suspensos sobre a água, também é margem do lado de lá. As cores caminham, pontuais. A proposta é ficarmos ali até o fim dessa caminhada. Parados, mas em pleno movimento de uma leitura confiável. A Danna Lua pergunta: quando a gente sabe que a noite caiu?

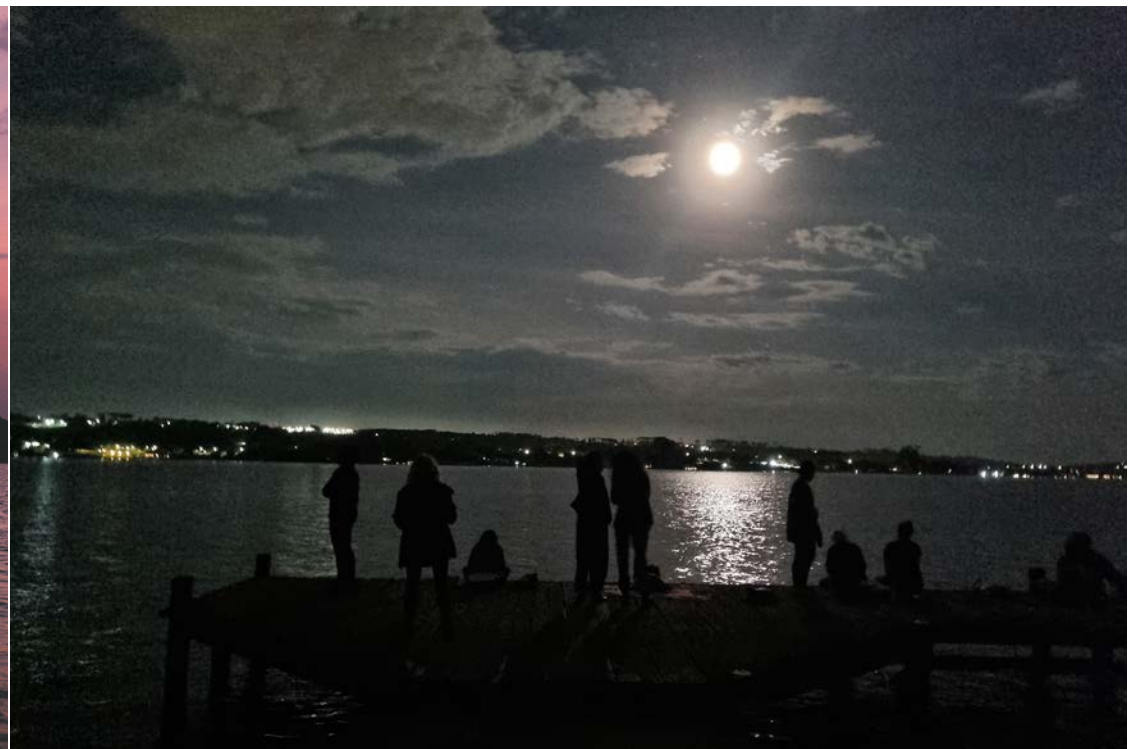
Os nomes não afundam, flutuam⁴. É um verso da Prisca Augustoni. Talvez a noite, assim como um nome, flutue. Então, a gente nunca sabe mesmo o momento da queda. Podemos ouvir a língua do brilho na água - seria esse o som de uma noite que flutua? Avistamos uma garça em estado de leitura confiável. Constatamos a visibilidade das primeiras estrelas. Nomeamos a constelação de escorpião. Há um espaço entre nossos pés suspensos no píer e a superfície da água. O crepúsculo náutico é, também, a hora azul. Vemos mais ou menos juntos.

É noite.

³ DIAS, Karina. Entre visão e invisão: paisagem: por uma experiência da paisagem no cotidiano. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2010, p. 138.

⁴ AUGUSTONI, Prisca. O mundo mutilado. São Paulo: Quêlônio, 2020, pp.90/91.

aline cibeles



A proposta *Adentrar túneis* é um desdobramento do projeto Encontros ao acaso que comecei a desenvolver em 2023, enquanto vivia na Holanda. Trata-se de uma série fotográfica experimental e colaborativa, que estabelece uma relação entre a ideia de troca de filmes (film swap) com um processo de troca de experiências entre pessoas em deslocamento.

A troca de filmes é uma técnica que consiste em fotografar um rolo inteiro de filme e entregar esse mesmo rolo para que outro fotógrafo o exponha novamente, criando sobreposições feitas às cegas. Como resultado dessas colaborações, surgem fotos com uma atmosfera onírica que remetem ao surrealismo. O que começou como uma exploração da técnica na primeira troca de filmes, realizada com meu esposo, acabou resultando em imagens que revelaram a direção dessa série fotográfica.

Na segunda troca de filmes, surgiram túneis, fruto da colaboração com Chië Shindo, fotógrafa japonesa que, quando criança, acreditava que se cavasse um buraco bem fundo, sairia no Brasil. Conforme apontado pela Profa. Dra. Karina Dias, a imaginação infantil lembra a pergunta de Ana Martins Marques em seu Poema de trás para frente: “que vestígios deixamos do que não fizemos? como funcionam os buracos?”. Ao crescer, o Brasil se tornou uma metáfora para Chië, a luz no fim do túnel, como ela mesma escreveu em seu diário virtual (blog).

Com o meu retorno para Brasília, minha terra natal, decidimos fotografar um novo rolo de filme 35mm, onde ela fotografaria na Holanda e eu fotografaria no Brasil. Após resistir aos scanners do aeroporto, o desejo da criança Chië se realizou na película. Em uma das fotos dessa série, ela aparece sorridente, sobreposta a uma paisagem da Chapada dos Veadeiros – GO. Esse retrato, em especial, é um vestígio do nosso último encontro e representa um mundo e um tempo que só existem no negativo.

Inspirada pelas caminhadas fotográficas que eu costumava participar na Holanda, propus reproduzir essa experiência em Brasília como uma ação para o Coordenadas. Partimos do Instituto de Artes da Universidade de Brasília em direção à SCN 206, onde fizemos uma parada. O local foi escolhido por conta da existência dos túneis subterrâneos que servem para os pedestres atravessarem as pistas. Adentramos os túneis que conectam as quadras 205 e 206 norte e os túneis que cruzam o eixinho e o eixão.

Ao longo da caminhada, os participantes fizeram fotos com uma câmera analógica até que o rolo de filme preto e branco 35mm chegasse ao fim. Enquanto isso, registrei a ação com um filme 35mm colorido. Durante as outras propostas do Coordenadas, fotografei novamente o mesmo rolo de filme preto e branco, criando um trabalho coletivo que reflete as trocas de ideias e experiências vividas durante aquele período letivo. Neste trabalho, os quadros deslocados das imagens sugerem o deslocamento dos próprios autores.



Propus o *Maré Baixa* para essa edição do DESCOORDENADAS, em 2025. Começou às 10:17h, de acordo com a tábua de maré de Maceió/AL. Um convite patafísico de caminhada sub-aquática, que virou abertura do fantástico, DRs submersas e tentativas de conversação debaixo d'água. Estávamos em uma piscina olímpica, experimentando a ineficiência como vitória. Bom, fizemos um ótimo trabalho.

Trata-se de habitar, ainda que por um instante, a lógica do corpo que caminha com outra densidade.

Peso e suspensão

desaprender a terra, o corpo está entre a gravidade e o flutuar.

Deslocamento

caminhar, em outra lógica: mais densa, mais lenta, menos humana. Mãos e braços entram no jogo. Também a fala não é uma possibilidade.

Ouvir, caminhar, beber, tocar

gestos cotidianos deslocados de seu contexto habitual para testar o corpo em outro meio.

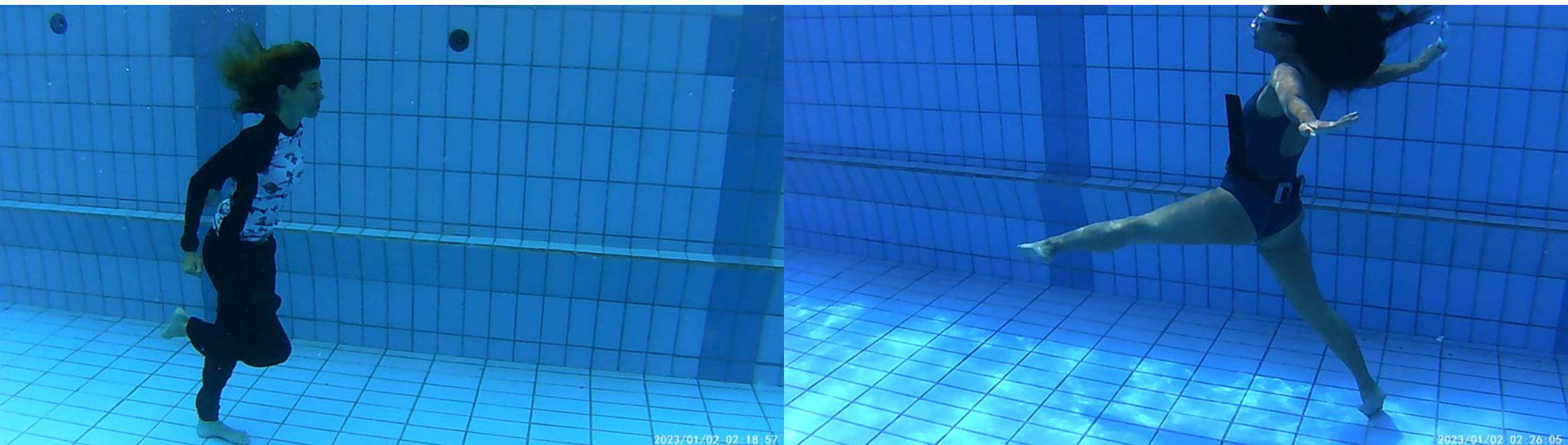
Fôlego

Limite, ritmo, assinatura.

O fôlego impõe uma duração finita à experiência, criando uma tensão constante entre permanência e urgência.

A necessidade de conservar o ar dita a cadência dos movimentos – mais lentos, mais conscientes, adaptados à economia da respiração.

Cada inspiração é uma assinatura própria que marca a água, de maneira efêmera.



2023/01/02 02:18:57

2023/01/02 02:26:05

camila souza e thiago brandão

“Às vezes fazer alguma coisa não leva a nada”
– Francis Alÿs

Nas ruínas da Universidade de Brasília, em pleno cerrado e diante do lago Paranoá, vivenciamos uma experiência coletiva em que o tempo foi desacelerado. O encontro não buscou utilidade, nem resultado: consistiu em estar presente para fazer o que se quisesse – ou coisa alguma. Lançaram-se aviões de papel, teceram-se linhas entre corpos, caminhou-se sem destino por lugares que há muito tempo não eram habitados.

Não fazer nada em ruínas esquecidas pelo tempo, pintadas por grafites, marcadas por hachuras nas paredes, arames expostos e mato que as invadia. Foi um misto de rir, silenciar e contemplar – mas não necessariamente nessa ordem. O que poderia parecer inútil tornou-se exercício de presença. A proposta convidou cada participante a experimentar a arte de não fazer nada – não como ausência, mas como abertura. Um convite a deslocar a lógica da produtividade e do desempenho, em favor de um existir mais lento, mais atento e mais coletivo.

A ruína, o vento, a paisagem do cerrado e o próprio corpo converteram-se em matéria poética. Rir sem motivo, enrolar e desenrolar fios, simplesmente andar ou escolher ficar parado – todos esses gestos transformaram-se em ações artísticas, ainda que efêmeras, sem obra final.

A Arte de não fazer nada foi uma pausa no cansaço contemporâneo, um gesto político de desaceleração e sensibilidade. Foi permitir-se estar no mundo sem a urgência de produzir, abrindo espaço para a contemplação, para a troca ou para o silêncio. A proposta foi simples: durante um período, não fazer nada – apenas existir, sentir o vento, ouvir os sons, perceber o tempo.

**camila souza e
thiago brandão**



Segunda inauguração

Após anos de disputa e resistindo ao sucateamento constante, o novo prédio do departamento de artes é finalmente inaugurado, consolidando o que talvez possa ser visto como o ponto final de uma longa trajetória desde os tempos do ICA, na aurora de nossa universidade. Este evento é sem dúvidas um marco histórico importante e digno de celebração.

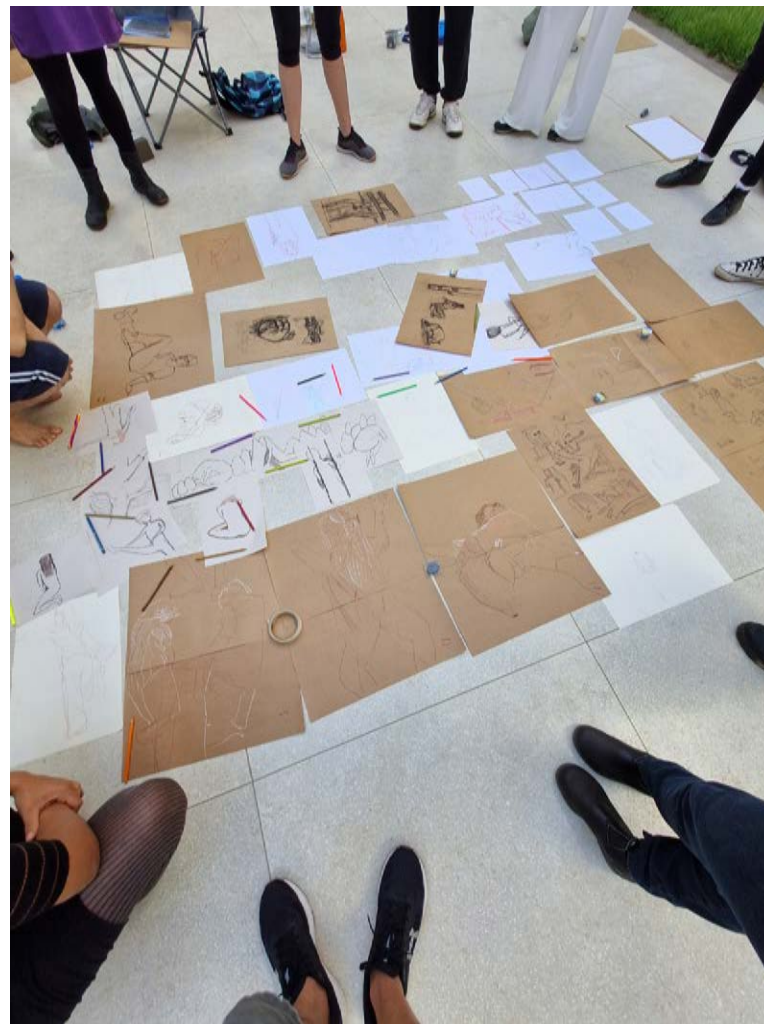
Mas movidos por um pensamento pragmático que reconhece as urgências das salas para os cursos do Instituto de Artes, muitos colegas se indagaram sobre a finalidade de uma inauguração de um espaço entregue sem mobiliário, e por consequência inadequado para uso, permanecendo meses inacessível para os estudantes. Já habituados com anos de espera que envolvem movimentações políticas nos corredores da universidade, que muitas vezes não chegam ao conhecimento dos alunos, se instala um sentimento de mais um longo período de espera e incertezas, e de não reconhecimento deste novo lugar.

Surgiu então a ideia de realizar nas dependências do prédio uma sessão de desenho, como um gesto de afirmação e irreverência próprio do artista, onde ocuparíamos este espaço ainda sem os móveis. Um ato afirmativo simbólico de pertencimento onde se reflete a trajetória de adaptações de alunos e professores frequentadores do Instituto de Artes.

A proposta apresentada e executada como ação coletiva integrante do Descoordenadas, foi adaptada a partir das sessões de desenho para o grupo de estudos com modelo vivo, MV UnB; grupo este que conjuntamente ao instituto segue uma trajetória de constantes adaptações, mantendo-se ativo de maneira informal por 20 anos, até que em 2022 se consolida enquanto projeto de extensão. Por esse motivo, a atividade foi pensada para acontecer às 15h de uma tarde de sábado, horário onde tradicionalmente acontecem as sessões.

No dia 14/06/25, às vésperas da chegada do mobiliário, os participantes do Descoordenadas se encontraram na porta do prédio. A ação ocorreu a céu aberto no pátio do prédio, com um pequeno grupo de 13 participantes, presentes naquele curto espaço de tempo por cerca de 1h.

O desenho aconteceu, mas como pretexto, um convite ao encontro. Para alguns, os traços trouxeram lembranças da época de formação, enquanto em outras mãos tomaram a forma de texto. Cada pessoa presente foi também convidada a experimentar a ação de ser desenhada, e sentir como o corpo podia ocupar as imediações do pátio. Falamos sobre afeto, construir novas memórias, e sobre inaugurar um sentimento de pertencimento àquele espaço.



Observatório

A ação consiste em observar o céu numa noite de lua nova, partilhar de um espaço-tempo coletivamente e, quem sabe, observar as estrelas. Estar disponível é o pré-requisito necessário para a ação, afinal, estamos no escuro, estamos no espaço público, estamos juntos e à sós, venta e faz frio. Ocupamos uma área de 18m² de colchas sob travesseiros, almofadas e cobertores. É um descampado no extremo norte da Colina, quadra residencial dentro da Universidade de Brasília. A lua nova em junho de 2025 nasceu em uma terça-feira.

O gesto vem do desejo de estar, das possibilidades do estar junto, dos diálogos que brotam entre os viventes, entre o espaço, entre a paisagem. Pensamos que a escuridão urbana desta localização em particular proporciona somado à lua nova nos permitiria observar as estrelas, brilhos distantes da mesma matéria que nos compõem, mas muitas nuvens se juntaram no céu que nos propomos a ver. Observamos, então, a parcela visível da vizinhança a nosso redor com curiosidade: uma moça se exercitava por horas na varanda. Observamos o vento colidindo com o bambuzal. Observamos os brilhos dos carros no horizonte em direção ao Lago Paranoá. Observamos uns aos outros. Ouvimos corujas e quero-queros. Ouvimos histórias inventadas.

Nos abrigamos em nossa própria companhia por algumas horas, o limite da colcha no chão era a margem que fez de nós, ilhados em terra.

**danna lua irigaray
e raissa studart**



(estar à beira) sonhar o leito

“Sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco a fala dos rios. Esse exercício de escuta do que os cursos d’água comunicam foi produzindo em mim uma espécie de observação crítica das cidades, principalmente das grandes, se espalhando por cima dos corpos dos rios de maneira tão irreverente a ponto de não termos mais nenhum respeito por eles”

Ailton Krenak, *Idéias para adiar o fim do mundo*

A memória das águas é a memória da vida e dos seus caminhos. Os trabalhos que realizei em parceria com Francisco Rio e expostos em 2024 na exposição “Meu nome é um caminho” investigaram o emergir, boiar e as circularidades do movimento na água. Dissolução e transformação. Como se mover dentro d’água, como entrelaçar corpos e ambiente em uma temporalidade que procura coreografar os movimentos de formação e transformação. A vida primeira dentro do mar, o DNA dentro da célula, enrolado em formato de espiral pelo contato com o líquido em que se insere – um líquido com a composição e salinidade muito próximos ao do mar.

Uma pesquisa se movendo nos rastros do tempo. A memória de pessoas trans que é antes de tudo a memória da própria transformação.

Como alcançar o que vem antes da diferenciação?
Ensaio ou anseio
a margem.

Ao estar e perambular à beira das águas, ao deitar e sonhar na margem, procurar o que atravessa de um a outro estado. Um alongar desse instante. Condensar e dissolver, como em um pêndulo, hora na água, hora no ar, hora na terra.

Tenho entendido que minha prática e pesquisa artística se dá caminhando pelas bordas, pelas beiras. Arrodeando o interesse que está no centro e me demorando ao máximo em tudo o que está em torno desse centro. Procuo o entremeio. Mas simultaneamente, me angustio demais com os estados de indefinição. Fases da vida, relações, o quase de um trabalho que ainda não sei o que é ou que não concluí o acabamento.

Acho que não aceito que na vida precisamos frequentemente deixar esses estados entre as coisas, que os ocupamos apenas por lampejos. Ainda que me angustie e me apresse para passar a uma resolução e acabar com a aflição que sinto nos estados de quase. Aflição é uma palavra que treme, consegue ver, sentir? As mãos balançando, dedos roçando, dentes roendo. Intuo que o estado do quase não seja o mesmo que o do entremeio. No quase já se passou do entre e se tomou uma direção, ali não há volta. Ou conclui-se a passagem ou abandona-se (o que é diferente de voltar). O entremeio se relaciona com o vazio.

O brilho das possibilidades coexiste.

É possível permanecer no momento que antecede uma mudança? É possível alongar o tempo de uma transformação? Permanecer no instante em que as asas primeiro rompem o casulo, mas ainda se encontram coladas ao corpo? Em estado de vigília, mas ainda em devaneio - a atenção morando nas imagens do sonho?

Tudo começa pelo pé, já disse antes. E o sono é, primeiro, o descanso dos pés que caminham. Ao olhar para a história de pessoas trans pelo Brasil, percebemos que o trânsito que marca nossas vivências não se restringe ao gênero e caminha ao lado com trânsitos geográficos. Ao mesmo tempo que nos destitui de laços e relações locais, de participação nos rituais familiares, religiosos ou comunitários, nos restitui a nós mesmas.

Apesar de nessas contações estar também me valendo de viagens literais, quero expandir esse entendimento, estou também pensando em viagens/deslocamentos de espírito, de episteme, de posicionamento político, através da magia dos encontros nessas caminhadas e principalmente da troca de saberes entre pessoas dissidentes de gênero, que se deslocam tanto territorialmente, sendo excluídas de grande parte dos espaços de convívio social, quanto epistemicamente/espiritualmente das matrizes fundadoras de nossa exclusão¹.

Aqui se juntam a dimensão da viagem (perambulação) e a da fabulação (sonho) enquanto estratégias de (sobre)vida trans e travestis. Da menina no mundo da lua a imaginar uma vida de princesa às migrações e vagabundagens pelas cidades e pelo território brasileiro - a população trans é uma população em trânsito, migrante e sonhadora.

1 Ieda Figueiró de Oliveira, *Do Íntimo ao Coletivo: Figueira Infinita em Busca da Plenitude Ontológica*.

Fugimos dos lugares onde não nos querem, onde não podemos existir como somos e vagamos à procura de lugares para existir: tendo muitas vezes que inventá-los. Os lugares a que me refiro aqui são tantos: espaços físicos, geográficos; espaços afetivos, familiares, comunitários; espaços ontológicos, de possibilidades de ser. É uma experiência compartilhada por muitas pessoas trans a sensação de ininteligibilidade de nossos corpos e subjetividades diante de outres (cisgêneros) e das instituições sociais. Nesse percurso de fugas, migrações e fabulações nos encontramos umes com outres e constituímos redes que atravessam cidades, caminhos, noites e epistemes.

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas - e no meio da travessia não vejo! - só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou².

Sei que para realizar qualquer travessia é preciso companhias e alianças, ainda que não se escape do que só é possível na mais absoluta solidão. Estar em trânsito é ir de uma a outra margem, atravessar limites e descobrir como são os sonhos em cada novo lugar. Perambulamos pela terra, à beira de corpos de água. Deitamo-nos para sonhar juntas, mas a cada uma cabe o seu sonhar.

Por isso, ao final da passagem reunir-se e contar as histórias, contar os sonhos. As linhas que nos entrelaçam são invisíveis, como as que deixamos pontilhadas pelos mapas, pelas estradas. Ao contar nossas histórias, podemos vislumbrá-las.

2 João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*

diana salu



o farol

O farol como um ponto no final do cais [...] imaginar a pequenez desse espaço fechado em relação à vasta imensidão do espaço além dele: o espaço que é o mar. O farol é o último sinal humano entre a terra e o oceano, e foi construído em escala humana.

- Tacita Dean (no catálogo *A Medida das Coisas*)

Estive dentro de um farol, avistando a costa oceânica. Em um curto espaço de tempo, foram muitas experiências com esse espaço: chegar no local e avistar o farol de longe; chegar na base do farol e se surpreender com a altura; entrar no farol, subir suas escadas em espiral, encontrar as pequenas janelas que avistam o mar; encontrar o farol na noite, observando a sua função, repetidamente virando de um lado para o outro, iluminando os trechos de água, de terra, de água, de terra. Penso que é um bom ponto de partida para pensarmos sobre viagem, sobre hospitalidade, sobre deslocamento, sobre paisagem. Uma construção feita para avistar ao longe e acenar; indicar caminhos, dizer ao mar *terra à vista*.

No oceano há um pequeno animal chamado nautilus, considerado um fóssil vivo por ter mudado muito pouco nos últimos 450 milhões de anos, o único de seus parentes que conseguiu sobreviver até hoje. Essa pequena criatura é marcada por sua concha em espiral. Ao contrário de outros cefalópodes, o nautilus escolheu ficar com sua *concha-espiral*. Ela funciona como um sistema para se deslocar e possui uma abertura para que ele aviste ao longe, ela cresce proporcionalmente, mantendo sempre o mesmo formato.

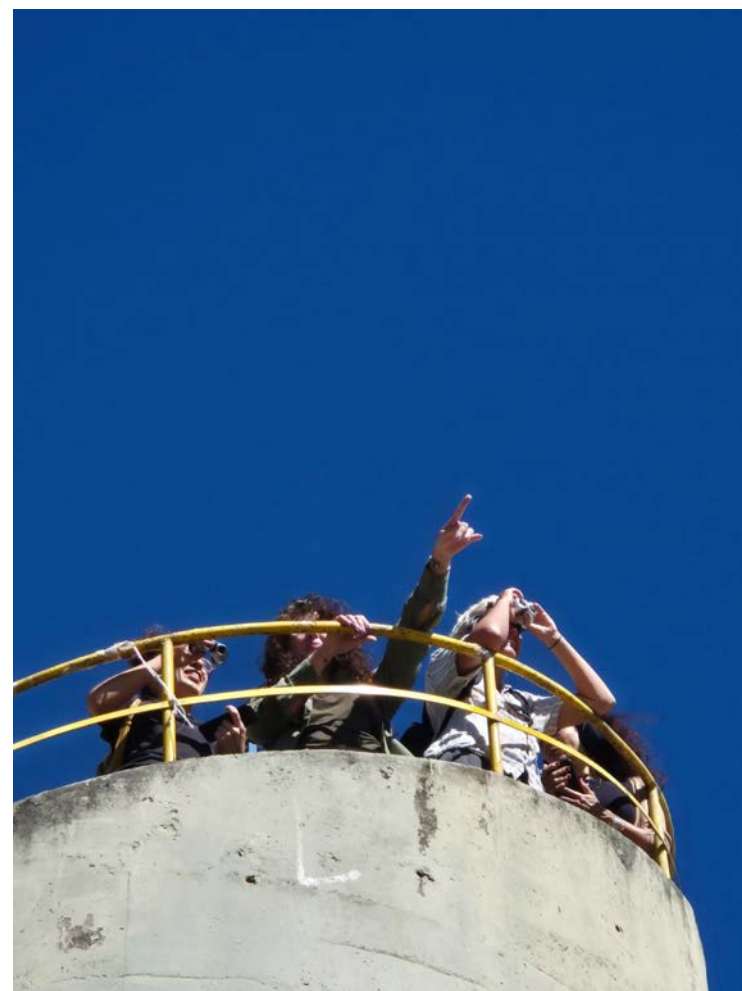
Penso na escada em espiral do farol, penso em estar dentro dela, subindo para avistar, tal como o nautilus faz de sua pequena abertura na concha; *sua casa farol, nossa concha farol*.

Infinitas vezes maior que o pequeno nautilus, a *Spiral Jetty* do artista Robert Smithson também pode ser pensada como um caminho que cresce proporcionalmente, como uma escada lago adentro, que subimos pela linha do horizonte. Para Smithson, a obra sugere ainda uma escala aural além de visual, “indica um sentido de escala que ressoa, ao mesmo tempo, nos olhos e nos ouvidos; há aqui um reforço e um prolongamento de espirais que reverberam tempo e espaço para cima e para baixo¹”.

Penso na *concha-espiral* como suporte para os ouvidos. O som que encontramos ao longo da subida ao farol se prolonga, se repete, dá voltas. Procurar o lago, ouvir os ruídos, se encontrar com os ventos de lá e de cá. Como encontrar um farol? Uma pequena caminhada certa vez nos levou até lá. Subimos as escadas carregando o lado de lá nos ouvidos. O aceno da outra margem chegou pelo som e se prolongou com a vista, o encontro com o mar aconteceu.

¹ no texto *A Spiral Jetty* (1972), tradução disponível em: <https://revistazum.com.br/ensaios/a-spiral-jetty-1972/>

elisa freitas



(des)coordenadas no Kombeiro

O trabalho nasceu do desejo de compartilhar – de transformar frustrações em encontros e percursos em memórias. A proposta inicial, uma caminhada noturna pelo centro de Brasília, não aconteceu. As rotas se desviaram, as ideias se re-acomodaram, e o que emergiu foi um gesto coletivo de presença.

Inspirado pelo legado de Bia Medeiros e por suas Kombis, no Kombeiro, reunimos pessoas e bandeirinhas. O espaço se converteu em um ponto de parada, um abrigo provisório para confraternização. Ali, entre palavras escritas em bandeiras e partilha, inventamos um pequeno ritual de comunhão. Uma ação (de arte), um piquenique de descanso, um tempo suspenso que celebrou a memória de Bia e a potência de estar junto. Entre risos, lembranças e gestos, levantamos bandeiras – simbólicas e concretas – que falam da (im)permanência.

O que poderia ter sido uma caminhada se tornou uma pausa. O que parecia uma falta de movimento revelou-se uma forma de (des)coordenar: inventar outros começos, outros modos de seguir, juntos - confraternizar.



Coordenadas imprecisas

De um mar de imagens emerge um cartão-postal: um vestígio dos Saltos de Sete Quedas, anteriormente localizados em Guaira, no Rio Paraná. Durante as décadas ditatoriais, as quedas d'água foram inundadas, dinamitadas, dissolvidas para dar lugar à hidrelétrica de Itaipu. Da potência sonora estremeceadora das águas restou somente o silêncio de um lago paralisado. O cartão-postal que encontro é também um quase-nada, que pouco consegue relatar sobre este lugar e sua história. No entanto, essa pouquidão me move. Percorro a escassez, rastros tão sutis que podem passar despercebidos. E ainda assim, são esses fragmentos que flutuam, sobem à superfície, desejam ser encontrados. A quem interessa mantê-los submersos? Algo sobrevive, algo resiste à inundação.

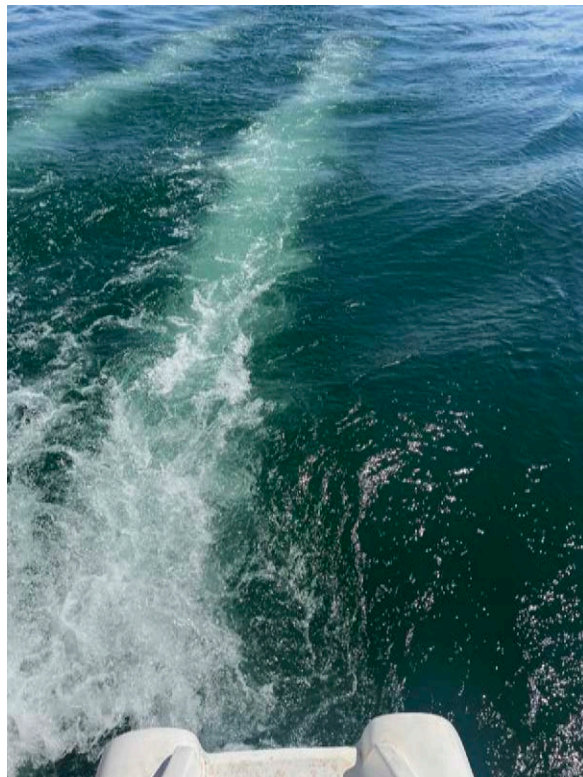
A subida da água não destruiu somente as quedas: comunidades locais, ribeirinhas e indígenas de toda região perderam seus territórios. Muitas delas nem mesmo foram previamente avisadas sobre a inundação e tiveram que fugir às pressas. Percorrer águas é remexer o fundo e trazer à tona memórias que desafiam as grandes narrativas homogeneizantes. A cada corpo d'água que encontro outras histórias confluem para os mesmos gestos de resistência frente à tentativa de obliteração. Quantas vezes ressoam no barulho das corredeiras dos rios? Que histórias ali permanecem?

Em Brasília, confluem outras águas, outras vozes. A Vila Amaury foi um dos conjuntos de acampamentos que abrigou trabalhadores e trabalhadoras que vieram de outras regiões do país para a construção da capital.

O bairro era populoso e possuía bares, escolas e restaurantes. Localizado próximo ao Congresso Nacional, o local foi inundado antes mesmo da inauguração da capital, com o fechamento das comportas da barragem do Rio Paranoá em 12 de setembro de 1959. A capital se ergueu com a força dos operários, mas a eles não foi garantida a permanência neste território. Há relatos de muita resistência da comunidade e muitos só saíram nos últimos momentos, quando a água já invadia suas casas.

Na chegada à cidade realizei um passeio turístico de barco ao Lago Paranoá. A visita era informativa sobre a história e ecossistema local, mas nada foi dito sobre a Vila Amaury, mesmo que estivéssemos navegando diretamente sobre o território, passando sobre os restos de sua estrutura, localizados a 20 metros da superfície. Muros, casas, eletrodomésticos, roupas e móveis ainda persistem no fundo do lago, espalhadas por coordenadas difusas. *Coordenadas imprecisas* é uma proposta de refazer o passeio neste mesmo barco, uma visita turística à Vila Amaury. A proposta lida com a impossibilidade: não é possível de fato visitá-la, agora totalmente submersa, nem mesmo avistá-la da superfície. Ao mesmo tempo, o gesto coletivo de procura retoma a sua existência e a sua história de resistência.

fran favero



contar histórias com as estrelas

*“Um pirlampo voando sozinho
será que confia
na própria luz?”
(Bashô)*

O trabalho *Contar histórias com as estrelas* consiste em uma intervenção no espelho d'água do Museu Nacional da República que propõe reflexões sobre a vida, a memória e a narração a partir da contação de histórias. A ação propõe a instalação de lanternas de papel flutuantes no espelho d'água e a contação de histórias. Os participantes foram convidados a acender uma lanterna, narrar histórias e colocar a lanterna nas águas. O trabalho propõe uma experiência coletiva que consiste em uma referência às rodas de contação de histórias ao redor da fogueira.

*“A coisa não está nem na partida, nem na chegada.
Mas na Travessia.”
(João Guimarães Rosa)*

Em “A Crise da Narração”, o filósofo e professor sul-coreano da Universidade de Artes de Berlim, Byung-Chul Han, examina como a sociedade contemporânea está perdendo a capacidade de criar e apreciar narrativas significativas. Explorando os impactos desse fenômeno na cultura, na política e na tecnologia, ele revela os desafios e as consequências da era pós-narrativa.

Em um mundo saturado de informações fragmentadas, a habilidade humana de contar histórias com profundidade está em crise. Han afirma que viver é narrar: “Aquele que narra, no sentido proustiano, mergulha na vida e tece novos fios entre os acontecimentos e sua interioridade. Com isso, uma densa rede de relacionamentos é formada, na qual nada está isolado. Tudo aparece repleto de sentido” (HAN, 2023). Ele afirma que “a narração tem o poder de um novo começo. Toda ação que transforma o mundo pressupõe uma narração”. Somos uma sociedade que narra. Quando a narrativa está em crise, Byung-Chul Han vê perigo. Em essência, segundo o autor, falta narrarmos histórias uns aos outros porque, em vez disso, “nos comunicamos excessivamente. Postamos, compartilhamos e curtimos”. Sua mensagem final é um convite para retomarmos as conversas em torno das fogueiras.

*“A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda,
e como recorda para contá-la.”
(Gabriel Garcia Marquez)*

Estar junto, sob as estrelas, em noite de lua cheia. Ao redor do fogo, contamos histórias. Nossas histórias, história dos nossos. Os caminhos que trilhamos, os lugares que estivemos, aqueles que encontramos. Partilhar memórias e compartilhar mundos. Ouvir outras encruzilhadas, narrar os desvios, os caminhos que se encontram e se cruzam, as tempestades e calmarias que traçam a travessia. Linhas do destino que se entrelaçam, embaraçam, desatam e assim tecem nossas existências.



no silêncio entre

*Onde estou quando não estou na realidade nem na minha imaginação?
[Nostalghia (1983), Andrei Tarkovsky]*

Entre as quadras 413 e 414 norte, há um respiro em Brasília:
No Parque Olhos d'Água, de frente para a lagoa, a vida se
oferece como espelho.

água que reflete e devolve o que nela repousa.

O convite não é exatamente de ação, mas de pausa.

Silêncio.

Um silêncio que não cala, mas abre espaço para ouvir o que vibra
entre o urbano e a natureza; entre o eu e o espaço que o circunda.

É escuta *atenta*, visão *desperta*, corpo *presente*.

Uma meditação em movimento sutil, em que o tempo se des-
loca, suavemente, junto com o vento que nos toca enquan-
to se encontra diante da superfície da água da lagoa.

Vinte minutos bastaram para que a atenção pudesse se dilatar.
Cada um recolhe, dentro de si, um traço da experiência.

palavra breve que resume o instante,
palavra-síntese, da quietude compartilhada.

Essas palavras, entregues em silêncio, tornaram-se
rastros [in]visíveis de uma travessia comum.

A escolha do lugar não é aleatória: é *memória*.

Foi ali que o poema de Prisca Agustoni se encontrou na minha
imaginação, acendendo lembranças de estar entre mundos

entre a cidade e estar na natureza.

Rastro sobre rastro, faíscas de lembranças se transforma-
ram em gesto:

observar em silêncio, recolher em silêncio,
encerrar em silêncio.

A (des)coordenada não exige ferramentas, apenas a *presença*.
Um corpo *consciente*.

Um olhar que *vê*, um ouvido que *acolhe*.

O mapa é simples: seguir até o lago e se deixar estar; ali.
Até meia hora de um tempo outro, em *suspensão*.

*E eu fico pensando:
talvez apenas olhar e escutar
seja o verdadeiro trabalho.
[Mary Oliver]*

Foi realizado no Parque Olhos d'Água, no dia 08 de junho de 2025, pouco antes das 10h da manhã, durando praticamente meia hora. O grupo participante se posicionou de frente para o lago do parque, em silêncio, conforme a proposta. A atividade consistiu em permanecer por aproximadamente vinte minutos em observação atenta, utilizando a visão e a escuta como principais ferramentas de percepção.

Após esse tempo estabelecido, foram distribuídos pequenos papéis em que cada participante escreveu uma ou duas palavras capazes de sintetizar a experiência vivida no silêncio. Esses papéis foram recolhidos, também em silêncio, encerrando a ação coletiva do mesmo modo que se iniciou: na ausência de nosso som.

A atividade teve duração total de cerca de meia hora e se constituiu como uma experiência essencialmente sensorial, baseada na quietude, na atenção e na escuta do espaço entre cidade e natureza que o espaço escolhido é capaz de oferecer.



*“Eu estou interessado é na caminhada que fazemos aqui,
na busca de uma espécie de equilíbrio entre o nosso mover-se na Terra
e na constante criação do mundo.”
(Krenak, 2020)*

Corpo.

Silêncio.

O trabalho, *Palavras Caminhantes* foi uma proposta de caminhada coletiva, em silêncio e lentidão, inspirada no exercício Cardume¹, realizada em frente ao prédio da Faculdade de Educação (FE 1) da Universidade de Brasília - um espaço aberto, com um gramado extenso, margeado pela FE 1 e pela via L3 norte. A escolha desse ‘entre-lugar’ foi fundamental: um território de passagem, mas ao mesmo tempo protegido dos carros, propício à escuta de si e à contemplação – entre a velocidade da cidade e o dilatado da paisagem.

*“caminhar é ginástica, propedêutica e liberdade.”
(DARWICH, 2020)*

Como mote para as ações, levei trechos de poesias, que me atravessaram durante o processo de concepção do trabalho, que seriam sorteados para cada participante. Assim, é proposto uma “ecossensibilidade que pulsa nas entrelinhas, nas pausas, nos gestos partilhados, naquilo que se compõe e se desfaz sem cessar.” (FERNANDES; DOSS, PIZARRO et al., 2025).

¹ Cardume é um exercício de improvisação em dança, no qual os dançarinos se movimentam em uníssono. A cada momento, uma pessoa do grupo assume a condução, guiando os movimentos e, conseqüentemente, todo o cardume.

O texto, nesse contexto, tornou-se um guia para o movimento: de que modo essas palavras me tocam? Onde elas ressoam em mim? Para onde me guiam? Como me conecto com esse corpo (que sou eu)? Assim, o coletivo se deixa afetar pela poesia e pela paisagem, construindo juntos uma experiência conduzida pelos afetos.

*“Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – **Me ajuda a olhar!**” (GALEANO, 2020)*

E se, assim como Galeano traz em seu livro dos abraços, a arte fosse mesmo uma ajuda a ver o mundo, quando nossos olhos não dão conta de processar a imensidão do mar? Ao propor a experiência para o grupo, abrimo-nos ao que poderia se transformar nesse encontro. Não houve o silêncio, tampouco a lentidão; as poesias não se mostraram de imediato como um fio sensível de movimento. Será?

*“desenha o corpo-enigma que perdura, esquecido da colmeia.”
(AGUSTONI, 2022)*

O que se revelou foi um grupo inteiro engajado, presente, corporalmente disposto em criar junto, a partir de seus próprios impulsos do momento.

Vinte minutos após o início – tempo que eu havia estipulado como duração – o coletivo, em estado de exaustão, encontrou, espontaneamente, um desfecho. Sem que fosse preciso anunciar o fim, alguns começaram a se sentar na grama, gesto que contagiou a todos e nos levou a formar uma roda. Nesse momento, convidei-os a fechar os olhos e perceberem-se: corpo, respiração, temperatura. Onde estaria a poesia? Estaria ali?

“É próprio delas não se repetir nunca nas formas, matizes, poses e composição. Sem o peso de nenhuma lembrança flutuam sem esforço sobre os fatos.” (SZYMBORSKA, 2011)

– Em *“Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo”*, Byung-Chul Han (2021) reflete sobre como o tempo contemporâneo foi colonizado pela lógica do trabalho e do desempenho: acelerado, fragmentado, sem pausas ou conclusões. Esse ritmo nos afasta do verdadeiro significado de tempo e distorce a possibilidade de desacelerar. Como gesto de resistência, Han sugere fechar os olhos – não como fuga, mas como desaceleração intencional, um convite à reflexão, ao silêncio e à interioridade. Esse gesto abre caminho para um tempo mais humano, capaz de se orientar para o coletivo: o amor, o gesto e o afeto. Assim, doar e compartilhar o tempo torna-se também forma de dilatá-lo.

Após um tempo de olhos fechados e percepção de si, chegamos no corpo. Sugeri que cada um lesse em voz alta a poesia que havia sorteado. A leitura em roda, instaurou outra atmosfera no espaço.

*“Era capaz de atravessar a cidade em bicicleta só para te ver dançar. E isso diz muito sobre minha caixa torácica.”
(CAMPILHO, 2014)*

Esse trabalho foi um convite ao silêncio percebido, ao diálogo, ao contato com o corpo, com o outro e com a paisagem como possibilidade de lucidez e presença, dando sentido para o que é vivido em primeira pessoa e construído na coletividade – na experiência afetuosa do tempo dedicado e compartilhado na e através da paisagem. O quanto é preciso emergir para se chegar ao corpo?

*“Vale a pena ir olhar
Onde você poderia estar.”
(THOREAU, 2015)*



laura tonini



leonardo goulart

O projeto *Fábulas de si* é uma proposta para refletir sobre como nos relacionamos com o espaço, a imagem e a representação do “eu”. A popularização dos smartphones transformou em hábito o uso de câmeras frontais, presenciamos constantemente nossa imagem pelas telas, a presença incessante de nossos avatares virtuais.

Para onde vamos, e onde estamos, quando se trata da autoimagem do indivíduo contemporâneo? Principalmente se tratando do contraste do reflexo digital e das diferentes interações, efeitos e resultados entre as possibilidades pelos espelhos e reflexos do mundo natural. Convida-se a repensar o hábito de capturar a imagem de si e do ambiente, a “selfie”, e de como o indivíduo se representa, se entende e se expressa na atualidade.

O que representa o eu? Somos seres complexos, de múltiplas camadas, lados e facetas, de expansiva carga cultural e social. Nosso íntimo, as ideias, palavras, sentimentos, histórias e nuances que nos compõem ultrapassam a imagem externa.

O que nos cativa a mimese?

Quais são as representações, os símbolos, que levamos de nós mesmos?

Para *Fábulas de si* pedimos que os participantes tragam um objeto que remeta a seu “eu”, um boneco, um brinquedo, um desenho, um selo, uma folha, uma pedra - contando que não seja uma representação direta de si, como um retrato.

Em seguida, buscando a auto-observação de outra perspectiva, que explorem o ambiente com seu “segundo eu”, que o corpo externo seja suporte para seu novo corpo, o objeto escolhido. Os avatares dos participantes podem conversar entre si, brincar, tirar fotos juntos, dançar, correr e em diante.

Deve-se registrar a nova presença, que tirem fotos, escrevam seus pensamentos, façam vídeos, o que se sentirem motivados a realizar, estendendo e diluindo as barreiras do próprio corpo ao objeto, e assim ao mundo.

Recomendado que o corpo exterior não apareça nas fotos, salve a necessidade. Os registros serão reunidos e apresentados futuramente em um painel, para que a turma possa observar e contemplar o “outro eu” de cada um dos colegas. Como me sinto sendo esse “novo eu”? Me sinto mais ou menos “eu mesmo”? Meu mundo interior se parece mais com o objeto ou com minha própria aparência? Como devo falar, me portar, me movimentar, como devo sentir sendo essa “nova” versão? Tal nova versão que sempre esteve conosco.

O deslocamento sugerido é o da imagem, do imaginário de si, da representação, um deslocamento temporal lúdico, um retorno à infância, a brincadeira de faz de conta. O passeio com nós mesmos, com nossa figura escolhida, incentiva o diálogo e a reflexão sobre como pensamos quem somos para além de nosso exterior. Questiona-se quanto o “eu” pode se modificar se visto como personagem, despido de seu exterior e transformado em totem, em avatar, de nossa essência.

-
Materiais para execução - Representação de si não direta (não pode ser uma foto/desenho próprio), boneco, brinquedo, foto, objeto, planta, pedra, pena ou qualquer coisa de tamanho pequeno-médio, que permita ser fotografado/filmado com facilidade, não se perca na paisagem e não a cubra com seu tamanho.



Letícia Miranda

As coisas têm as suas raízes
Confúcio

Ela procura por mim, apareço apenas quando posso
Aline Motta

Marco zero

Ver por meio da fumaça é assustar os olhos. A ardência não dita o percurso. O que importa é o movimento desejante de manter os olhos abertos. É preciso ver além do que queima.

Diante dessa árvore (negra como a noite) há uma voz que canta o passado, bem baixinho - fica do lado esquerdo do canal auditivo. Uma ladainha bem ritmada, responsável por enegrecer os dias. Os intervalos são cadenciados. Os buracos, os silêncios e os espaços vazios são a substância do que se foi; a voz marca a presença dos vestígios.

Tente ouvir.

Uma coceirinha de distância dos meus dedos

Se dirija as adjacências da árvore, explore o perímetro. Estabeleça uma distância.

Esses dois movimentos irão te aproximar desse ser que canta.

Em sua distância, comece a sussurrar (bem baixinho):

É preciso caminhar
em direção
as bordas do tempo

Repita essas palavras sete vezes seguidas. Faça isso olhando para a árvore. Observe bem seus galhos e suas sombras. Depois das sete vezes, dê pequenos passos em direção a árvore enquanto repete essas palavras. Faça tudo bem devagar. Deixe o vento chegar nos ouvidos. Repita, pare, repita, ande. Intercale seus gestos. Tente perceber o canto no ouvido esquerdo. Tente ver a árvore dançar, no ritmo.

Quando chegar perto da árvore, repita mais uma vez essas palavras enquanto toca sua estrutura. Investigue o tronco. Sinta.

Tente ouvir.

O que veio depois

Quando se olha um ser de perto algo no corpo muda
uma espécie de rasgo se inaugura
a dobra do mundo fica mais arrefecida
uma leve coceirinha aparece
nesse ponto tudo é poeira
cinza e fogo
a origem do mundo se abre nada é mais
preto no branco
tudo é contorno
mal acabado

Uma árvore dançante
silencia os buracos do corpo

Nesse entroncamento surge outra forma de subsistir

Agora
somos unha e carne
ela esvoaçante
eu mais firme
depois disso vi mais uma
essa outra não dança
essa outra joga capoeira

Quando se olha
algo no corpo muda



lynn carone

Circuito de visitação de canteiros: ocupação de espaços domesticados e devaneios interespecies

Habitat
O peixe
É a ave
do mar
A ave
O peixe
Do ar
e só o
Homem*
Nem peixe nem
Ave
Não é
Daquém
E nem de além
E nem
O que será
Já em nenhum
Lugar.

Orides Fontela

*(acrescentaria...toda a espécie humana)

Em um cotidiano contemporâneo, a pressa provoca com que se olhe, mas pouco se veja, que se caminhe com olhar distante, sem pausa ou presença. A proposta do circuito de visitação de canteiros convida a explorar lugares de passagem, espaços domesticados uma vez que são criados, apenas para serem olhados e não ocupados. Seja um canteiro de plantas no meio de ruas e rodovias, como canteiros de obras ou mesmo um lago ornamental de peixes, qual o tipo de relação que esses espaços e os seres que o habitam nos convida?

Caminhar e estar em alguns desses lugares públicos sob uma perspectiva inversa ao que se costuma, realiza as pequenas subversões a que a arte se dispõe e possibilita: convidar a habitar o mundo de maneiras outras, invadindo-o pelas frestas.

O canteiro de flores no meio da rua normalmente é apenas desfrute de um sentido: a visão. Uma visão rápida, principalmente quando se passa por ele de carro. Ao se invadir o canteiro (por que há uma espécie de domesticação que conduz a não ousar pisá-los). O primeiro ato: invadir um canteiro com passos leves para vivenciá-lo com outros sentidos. Visão em zoom, escuta aguçada, o olfato o tato... Ali, na proximidade com as plantas a primeira fabulação acontece: - o que diriam as plantas daquele lugar, como seria o mundo sob a perspectiva desses seres?

A caminhada continuamos em direção ao “canteiro de peixes” no beijódromo para uma atividade de pescaria-poema ou poema-peixes, numa ação oposta ao que se costuma, pescar peixes. A segunda fabulação ocorreria em uma pescaria de poemas para a leitura aos peixes e abertura de espaço para uma escuta imaginária do que daquele lugar diriam. Infelizmente a ação não foi autorizada pela direção local. A pescaria de poemas terminou por acontecer sem a interação com os peixes.

Plantas, peixes, pássaros, formigas, cupins, insetos voadores coabitam, convivem, estão aqui, ali. Basta perceber suas presenças e esculpir os sentidos e estar com... como diria Martin:

Quero poder desfrutar da Insularidade, reconstruí-la em meu corpo ao mesmo tempo que admito a incomensurabilidade dos seres que povoam minha ilha interior: despovoar nossa alma para desfrutar o pouco de Insularidade que ela ainda encerra; e sim: fazer do nosso ser esse ecossistema onde aqueles que escolhemos – ou que nos escolhem – se tornem comensuráveis, para além dos abismos que os separam.

(NASTASSJA MARTIM, *Escute as Feras*, 2021, p.57)

Pausa. Como aprender a entrar pelo cano e relaxar? Um breve descanso com cangas estiradas, em enormes manilhas, é um convite para se olhar os movimentos de expansão da cidade, como cresce, como objetos enormes a atravessam, manilhas, morros de areia, morros de pedregulho, tratores... notam-se resquícios de fogueiras, ocupações invisíveis e noturnas. Os canteiros de obras revelam um crescimento contínuo nas cidades. Há uma energia

predadora que avança. Por vezes silenciosa, mas normalmente avassaladora.

A última fabulação especulativa, a transformação de um canteiro de obra em um pequeno sítio arqueológico, serviu para a observação de restos biológicos de seres que poderiam estar ali como sinal de possíveis mutações.

A leitura que se seguiu, durante a exploração:

No filme *Crimes do Futuro* (2022), do diretor canadense David Cronenberg, há um futuro distópico no qual os corpos humanos estão passando por rápidas mutações. A dor desapareceu e a cirurgia tornou-se uma nova forma de arte performática. O protagonista, Saul Tenser, um artista, desenvolve órgãos desconhecidos no próprio corpo, removidos em performances públicas, explorando os limites entre natureza, tecnologia, desejo e adaptação. O filme discute uma biologia que se reconstrói para sobreviver em um mundo saturado de lixo tecnológico e sintético, levantando questões sobre ecologia, corpo, desejo e transformação. A sociedade é monitorada pela Agência Nacional de Registro de Órgãos (N.O.R) onde catalogam e tentam controlar essas novas mutações, vendo-as como o futuro da espécie, mas também como uma ameaça potencial. O Caso do Menino: Saul e Caprice (sua companheira) são abordados por um casal de ativistas de um submundo rebelde e revelam ter encontrado uma criança morta que apresentava uma mutação radical: seu sistema digestivo havia evoluído para digerir plástico (lixo tóxico que domina o mundo). Eles solicitam a Saul e Caprice que realizem uma autópsia pública do menino como uma última performance, para revelar essa mutação ao mundo. Essa estética de corpos mutantes, que se adaptam a um planeta artificializado, ecoa na fabulação interespecies deste conto, no qual animais marinhos – ao metabolizar plástico – ao transgredir seus próprios limites biológicos, transformaram-se em seres híbridos, anfíbios e predatórios, revelando o colapso das fronteiras entre natureza, tecnologia e civilização.

“Sedimentos do Futuro” – Uma pequena Fabulação Interespécies

No alvorecer de um novo ciclo geológico, os oceanos, saturados de plástico, tornaram-se laboratórios de mutações impensáveis. Peixes abissais, tubarões e cardumes inteiros passaram a metabolizar polímeros, incorporando microplásticos às suas células, escamas e órgãos. Suas guelras aprenderam a filtrar não só oxigênio, mas também resíduos petroquímicos, transformando lixo em energia. A metamorfose continua. Guiados por circuitos biológicos alterados, começaram a migrar. Primeiramente, adentraram os rios. Depois, infiltraram-se nas veias subterrâneas das cidades – galerias pluviais, esgotos e lençóis freáticos. Suas nadadeiras endureceram, ganhando flexibilidade anfíbia. Alguns desenvolveram apêndices ósseos, músculos rígidos e sensores táteis capazes de mapear terrenos sólidos.

O mundo urbano tornou-se uma extensão do habitat marinho. Porém, muitos ficavam encaixados no asfalto e em canteiros de obras, onde areia e terra se acumulavam, formando simulacro de praias artificiais. Curiosamente, esses espaços atraíam especialmente os tubarões. Ali, farejavam não somente a umidade, mas outra forma de predador: os especuladores imobiliários, responsáveis por devorar mangues, brejos, restingas e transformar a vida em lucro.

Com paladares reconfigurados, os tubarões começaram a perceber que os corpos humanos saturados de ambição e crueldade exalavam algo semelhante ao cheiro do plástico – uma química viciante, tóxica e irresistível. Foi assim que surgiu a primeira linhagem de “*Carcharodon urbanus*”, o tubarão da areia e terra, que aprendeu não só a rastejar entre guindastes e tapumes, mas também a caçar os predadores da própria espécie humana.

E assim, no sedimento das ruínas, na intersecção de biologia, lixo e desejo, inaugurou-se um ciclo de seleção natural: o dos corpos que comem plástico e dos corpos que são plásticos.



marília saenger

O meu Norte é Sul. É o Sul.
Daqui, eu começo Paisagem.

A topografia do nosso ser íntimo.
De quantas camadas é composta a topografia do nosso ser íntimo?

“Acho que são superfícies mínimas e, também, tectônicas”,
ela escreve na borda do papel, dentro, pequeno.

De quantas camadas é composta a topografia do nosso ser íntimo?

“Saber quantas camadas compõem a topografia de meu ser íntimo significa acabar com a noite, com a escuridão, fugir dos mistérios. Brigo firme na calada da noite, para que os mistérios dessas camadas continuem vivos” escreve em cada uma das bordas, como um livro. Não é tudo.

“Acho que são superfícies mínimas e, também, tectônicas”,
ela escreve na borda do papel, dentro, pequeno.

“Não sei o que estou sentindo

Não sei

Se é no
olho do
estômago
ou

no olho do coração.

Me escuta e diz” ela escreve em ruptura. Erupção literária!

Qual é o gosto do mundo?

Eu lanço sua moeda. Desejo.

“Os vulcões nos ensinam a não guardar dentro de si aquilo que queima”, tá escrito no centro do papel, fora, pequeno.

“Meu corpo
Minha energia vital
Meus momentos
Minhas emoções
Não tem número

Meus órgãos
Minha respiração
Meus estados de espírito”

“Camadas de uma topografia de bolso.
a imagem chega com o título: Minhas Topologias
O calor rompe a escuridão densa.
Camadas sinuosas de cores quentes.
Camadas intensas de opacidade.
Na superfície, todas as gerações. Solos Férteis.
Bisavó, vó, mãe, bisavó, vó, mãe, bisavó, vó, mãe...”

“Camadas de uma topografia de bolso”,
ela desenha e escreve.

Texto, desenho e papel fundidos no espaço. Paisagem:

“Gosto de pensar em topografias, as vistas, as sentidas, as do corpo. Coleciono topografias, na memória, nas fotos, desenhos e trabalhos. Gosto da ideia de poder carregá-las no bolso. Segurar com as mãos, encontrar aquele tesouro no fundo do bolso, uma pedra.

O encontro dos dedos com a pedra é também um sair de si e voltar para a lembrança de um lugar, de um estar. A topografia do meu íntimo quer sempre ir para fora, lançar, eu e a pedra.”

MAR
PEDRA PEDRA CHÃO VERMELHO
PEDRA PEDRA PEDRA PEDRA PEDRA PEDRA
VENTO
MATO DURO MATO DURO
BAIXO BAIXO
MATO DURO
MATO BAIXO

Em cada página, um grito.

“O mundo se dobra e algo é expulso do centro da terra. Algum tipo de manobra que rasga um véu fino. Te pergunto, o que se diz a um vulcão? Que tipo de confissão pode se instalar? Talvez só um sussurro tímido; ainda vivo!

Você e eu constantes no invisível, prontos ao encontro com a terra. A visão terrestre é a dobra que faltava. Agora vejo e não temo o que vem. Segue comigo?

Eu queria poder furar a terra, mas meus dedos são pequenos. Não alcanço. Eu queria ver o mundo bem de cima. Se te chamar, vem?

E do outro lado da página ela diz em escrita móvel:

“Dobrar o mundo
e ver do alto
as finas membranas
cortantes
Vermelho
como o magma”

Sem pudor, por toda a extensão da frente do papel, que é quadriculado; camadas:

Memória
Verdade Mentira
Alegria Raiva Fé Sentimento Medo
Amor Desejo Esperança Afeto
Paixão Segredo Desespero
Cuidado Tristeza Dor Máscara Aparência

Nas linhas da seguinte página, dois poemas:

A força de um vulcão
em erupção
A chegada da noite
O raiar do dia

um acordo: repito cada palavra que ela sublinhou.
o vento quente a brisa leve
a chuva pesada as horas lentas lentas
os minutos rápidos rápidos
o farfalhar do que resta
A lembrança do que vai

E do outro lado do papel, poema.

E na página branca, desenha:

“Camadas ligadas à dor
Férteis ligadas à pele; áridas, ligadas à sou
Sono ligada à pele e à pedra
Silêncio ligada à pele e ao rio
Pele Veste Verniz. Verniz ligada à sou
Tempo ligada a desejos
Raiz ligada à caverna
Máscaras Escudos. Máscaras ligada a cavernas
Dor ligada à incompletude
Lembranças ligadas a máscaras
Cavernas
Desejos
Fui Sou. Fui ligada à rio, à pedra, à coração
Rio
Pedra
Coração
Incompletude”

Do lado direito do papel branco, ela diz algo em escrita móvel: Dedo Pele Osso Sangue Artéria Coração Cérebro Sentimento - Sentir muito

Rompo. Grito.
Ruína.

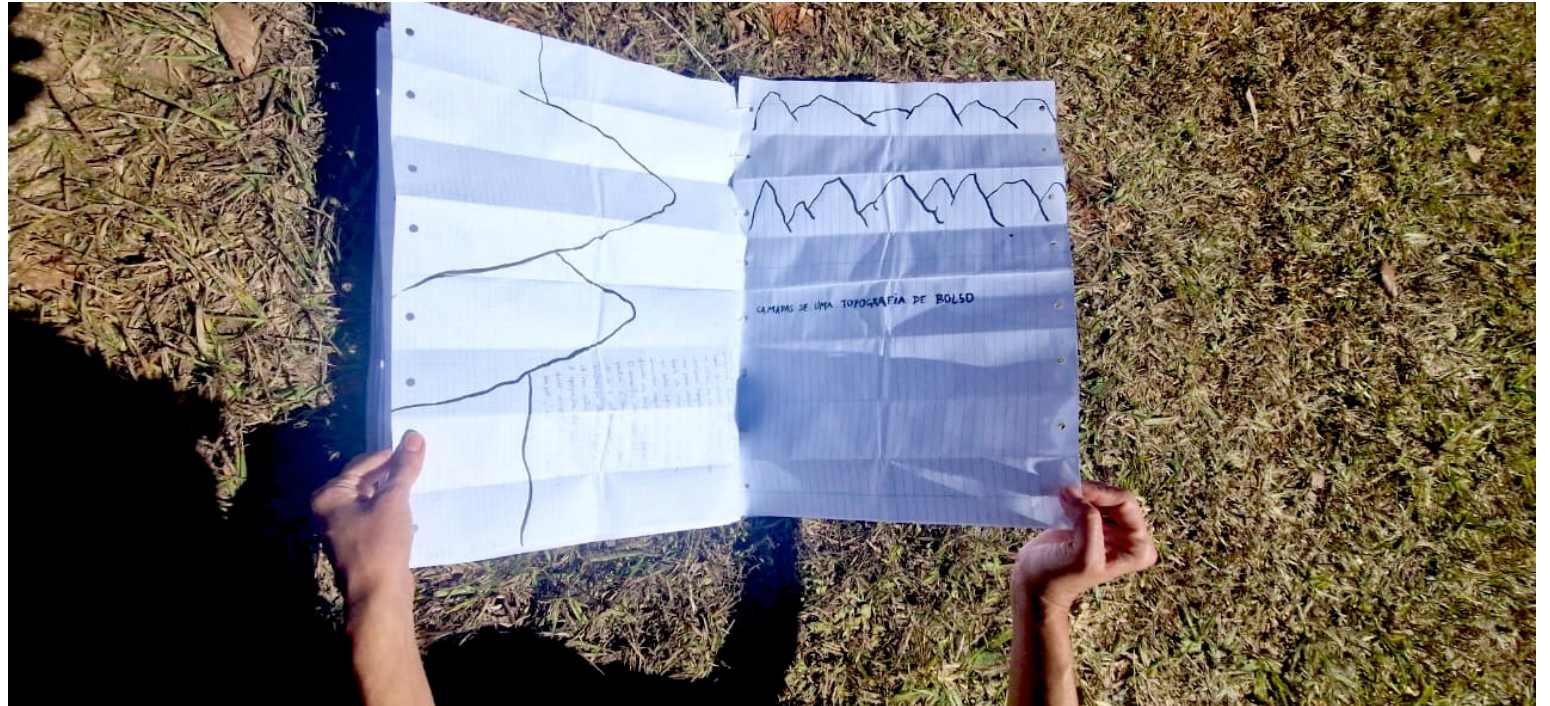
A quem se endereçam as escritas?

O meu Norte é Sul. É o Sul.
Daqui, eu começo Paisagem.

A topografia do nosso ser íntimo.
De quantas camadas é composta a topografia do nosso ser íntimo?

Na brecha, rompimento. Ruína. Re-começo.
Enraizar nos ares.

A quem se endereçam as escritas?



A esfera de Pascal, ou, como encontrar o mundo em uma vila, ou ainda, o mundo é grande e cabe em um parque de uma vila no cerrado

Segundo Borges, Pascal “abominava o universo e desejaria adorar a Deus, mas Deus, para ele, era menos real que o abominado universo. Deplorou que o firmamento não falasse, comparou nossa vida à de náufragos em uma ilha deserta. Sentiu o peso incessante do mundo físico, sentiu vertigem, medo e solidão, e expressou-os em outras palavras: *a natureza é uma esfera infinita, cujo centro está em toda a parte e a circunferência em nenhuma*”. O texto é assim publicado por Brunschvicg, mas a edição crítica de Tourneur (Paris, 1941), que reproduz as rasuras e vacilações do manuscrito, revela que Pascal começou a escrever *effroyable*: “Uma esfera terrível, cujo centro está em toda a parte e a circunferência em nenhuma”. (Trecho de *Outras Inquisições*, Borges, Jorge Luis)

A partir desta ideia de uma circunferência imaginária cujo círculo está em toda parte organiza-se a proposta deste trabalho. O cenário para tal drama cartográfico é uma vila popular encravada, depois de muita resistência e luta, no interior do Plano Piloto, ocupando as bordas e os limites de um patrimônio que é de toda a humanidade. Em tal cenário proponho visualizarmos, e cartografarmos poeticamente, o mundo no interior de uma vila. Contando para isso com o auxílio de um sistema de geolocalização, que inclui a latitude e a longitude, e que parece ter sido proposto por vez primeira pelos astrónomos gregos Eratóstenes e Hiparco, no século III a.C. Já no ano 150 d.C., o matemático, astrónomo, geógrafo e astrólogo grego Claudio Ptolomeu desenhou o primeiro mapa utilizando as linhas longitudinais e latitudinais, as quais servir-nos-ão de referência neste trabalho.

PROPOSTA:

Criação de uma cartografia do mundo a partir das coordenadas obtidas pelo caminhar dos participantes em um parque da Vila Telebrasília. O planeta dentro da vila.

Para tanto:

A partir de uma esfera imaginária, cujo centro está em toda parte, caminhe até 90 passos na direção norte ou na direção sul (anote o número de passos e a direção); depois caminhe até 180 passos na direção leste ou na direção oeste (anote o número de passos e a direção). Estes dados serão suas coordenadas de latitude e longitude. Se lhe aprouver você pode fazer outro caminho nos sentidos opostos ao primeiro.

Coloque as coordenadas no Google Maps, identifique o local a que elas correspondem e envie essa informação para o grupo, se possível com o link para o Google Maps e uma imagem do local identificado.

Ao final teremos um mapa do planeta dentro de um parque no interior da Vila Telebrasília.



De rolê com a Paisagem

E se você chama a Paisagem para brincar e ela, no maior espírito zombeteiro, te mostra que deixar as coisas acontecerem também significa se deixar levar pelo imprevisível?

Foi assim que a Paisagem se mostrou presente quando a chamei para dar rolê. Tudo planejado, como de costume, até ela me embalar nos braços de Morfeu, se mostrando presente o tempo todo e não apenas ao ser invocada.

Deixei todos em suspense, inclusive eu. E assim, aprendi que a brincadeira já tinha começado junto com o sopro dos ventos noturnos, muito antes de tudo isso - éramos uma coisa só, dançando nos cosmos.

O conceito de distância se dissipou, ela mostrou que não se categoriza e que está sempre gargalhando porque sabe que todos nós somos uma Paisagem.

Ao despertar atrasada, corri até meus colegas que me esperavam.

A ação consistiu em usar a caminhada entre as quadras da Asa Norte - Brasília, como folha de papel aberta. E assim, todos saíram portando suas palavras em papel adesivo e durante o caminho, as linhas da cidade saltavam com um brilho noturno, se mostrando prontas para receber o recado que queríamos deixar para a Paisagem.

No final do rolê, olhei pra trás e o horizonte piscou. Foi então que entendi que não há passos perdidos na cidade e sorri ao ser lembrada que sempre há alguém no vento, chamando para brincar.



Morta-de-la

A mortadela é produzida a partir de restos e miúdos provenientes do abate de diferentes espécies de animais: língua, coração, fígado, rins, peles, tendões, tecidos gordurosos, carne da cabeça, patas e outros subprodutos comestíveis. Esses elementos são triturados e combinados com temperos, amidos, corantes e conservantes até formarem uma massa de tonalidade rosada, que é então cozida ou curada pelo calor. O produto final geralmente apresenta formato cilíndrico, do qual se obtêm fatias circulares salpicadas por pontos brancos de gordura.

O processo de fabricação pode ser associado ao campo da escultura, na medida em que se trata de uma operação de modelagem de materiais diversos em uma unidade coesa. Essa aproximação permite analisar o produto em termos de uma escultura social – sob essa perspectiva, a mortadela extrapola sua função alimentar e se converte em objeto de reflexão sobre a estetização da morte, os marcadores sociais de consumo e os modos de vida na sociedade pós-industrial.

A ação de dispor um tapete de mortadela no espaço público e saborear uma fruta sobre ele evidencia um contraste simbólico entre natureza e indústria, vitalidade e decomposição, prazer e desconforto.

Proposta:

Esticar a lona com a imagem da mortadela em gramado no Parque Olhos D'água.

Criar uma composição/constelação de frutas e legumes sobre a lona.

Comer as frutas sobre a lona de mortadela.

raquel nava



Decomposição

A decomposição como imagem conceitual da ação de decompor práticas e reorganizar sistemas. Andar e observar, integrando-se ao ambiente; selecionar o que lhe chama; reorganizar os elementos junto ao coletivo. Desaprender, desfazer, deslocar. É um trabalho que envolve coleta e rearranjo de elementos em uma decomposição compartilhada. Um trabalho processual, com a participação e testemunho dos ecossistemas. Decompor enquanto processo cíclico – vida, morte, vida – enquanto reorganização dos saberes, das práticas e das instituições, em bases mais justas, plurais e críticas.

O processo de decomposição envolve várias fases: primeiro, a perda de água, a desidratação, o rompimento das células, facilitando o acesso dos decompositores; em seguida, os microrganismos e fungos quebram as moléculas, reorganizando estruturas complexas de forma a possibilitar novas transformações. Gradualmente, ocorre um aumento da temperatura – fase termofílica – e alterações químicas. Depois, há a presença de seres que fragmentam a matéria, até que esta seja convertida em minerais e outros nutrientes, que retornam para o ciclo vital por meio da cadeia alimentar. É o processo de digestão da terra, que absorve os seres orgânicos e transforma a morte em vida novamente. Água, temperatura, minerais. Estruturas fixas morrem, passam por processos de quebra, fragmentação, digestão e reinvenção. É nessa imagem que busco inspiração para habitar um mundo em colapso.

A proposta mencionada se alinha ao fazer pensar comum, na possibilidade de estar junto e de coletar elementos, uma prática ancestral.

Decompor é questionar o fazer individual, desaprender uma estrutura específica de construção do conhecimento e de expressão da individualidade para recompor novas possibilidades sensíveis.

Esta decomposição iniciou-se com uma caminhada de 1.800m nas trilhas de terra do Jardim Botânico de Brasília, até um local de manejo. Um espaço que foi aberto no cerrado, com materiais de poda e uma grande área de terra vermelha. A proposta foi coabitar e realizar uma composição coletiva com os materiais disponíveis, um exercício de atenção, mapeamento e prática compartilhada. Um ateliê a céu aberto, com uma riqueza de materiais disponíveis. A partir disso, o que podemos fazer juntos?

O processo de decomposição envolve a transformação e reorganização de organismos complexos e, neste exercício, traduziu-se na seleção e coleta de matéria orgânica que se encontravam nos arredores, como: galhos, sementes, pedras, raízes e insetos. Aos poucos, os elementos foram retirados das pilhas de poda, sendo deslocados para a área escolhida; ações celebrativas e rituais coletivos foram evocados. Com o aumento da temperatura e o sol intenso, o processo acelerou; a química entre os decompositores favoreceu o remanejamento e deslocamento, com movimentos inusitados que transformaram a matéria, recombinao os componentes. Outros seres, como o vento, vieram compor conosco, movendo os elementos já dispostos. No dia seguinte, estive lá novamente e a decomposição não estava mais presente, tinha sido devolvida à pilha de poda. Existência efêmera.

tatiana duarte



ficha técnica

Coordenação: Prof. Dra. Karina Dias.

Artistas: Alessandra Araújo, Aline Cibele, Bruca Teixeira, Camila Souza, Daniel Lopes, Danna Lua Irigaray, Diana Salu, Elisa Freitas, Fernando Pericin, Fran Favero, Gaia Schüller, Laís Menezes, Laura Tonini, Leonardo Goulart, Letícia Miranda, Lynn Carone, Marília Saenger, Newton Scheufler, Paula Catu, Raissa Studart, Raquel Nava, Tatiana Duarte e Thiago Brandão.

Diagramação: Diana Salu e Elisa Freitas.

Divulgação: Fernando Pericin.

Fotografias: Alessandra Araújo, Bruca Teixeira, Daniel Lopes, Fernando Pericin, Fran Favero, Gaia Schüller, Laura Tonini, Lynn Carone, Raissa Studart, Raquel Nava, Tainá Xavier e Tatiana Duarte.

Revisão: Aline Cibele, Alessandra Araújo, Elisa Freitas, Fernando Pericin e Gaia Schüller.

Conselho editorial: Eliane Chaud (UFG), Fabricia Jordão (UFPR), Francis Wilker (UFC), Gê Orthof (UnB) e Regina de Paula (UERJ).

Linha de Pesquisa Deslocamentos e Espacialidades
LABORATÓRIO DESLOCA



UnB | IDA | VIS | PPGAV
Pós Graduação em Artes Visuais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

D448 Descoordenadas [recurso eletrônico] / organização:
Karina Dias ... [et al.]. - Brasília :
Universidade de Brasília, Programa de Pós-
graduação em Artes Visuais, 2026.
56 p. : il.

Formato PDF.
ISBN 978-65-975660-2-0.

1. Artes - Brasília (DF). 2. Universidade de
Brasília. I. Dias, Karina (org.).

CDU 7(817.4)

